

Como o plástico afeta as catadoras e os catadores?

Entrevista com Valquiria Candido da Silva



Valquiria Candido da Silva

Valquiria Candido da Silva é catadora de materiais recicláveis, fundadora e presidente da Cooperativa de Trabalho e Coleta do Parque Cocaia (COOPERPAC). Também é liderança do Movimento Nacional dos Catadores e Catadoras de Materiais Recicláveis (MNCR) na cidade de São Paulo. Atualmente é graduanda no curso de Ciências do Trabalho pelo DIEESE - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos e educadora popular na Universidade de e para Catadores e Catadoras de Materiais Recicláveis (UNICATA).

Isabella de Carvalho Vallin: Você pode compartilhar um pouco da sua trajetória como catadora e contar como você se tornou uma liderança?

Valquiria Candido da Silva: Eu trabalhava numa empresa CLT, uma empresa concessionária de lixo. Eu trabalhei lá por quatro anos com os garis e tinha muita afinidade com eles. Eu fui mandada embora e fiquei grávida. Tentei voltar para o mercado de trabalho, mas eu queria dar atenção e prioridade para o meu filho. Aí eu fui vendo outras alternativas, né? E aí fui para o segmento da cooperativa. Tanto eu como meu esposo, a gente veio desse mercado das empresas do lixo, a gente foi convidado por uma conhecida para montar uma cooperativa, foi na época do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), muitos anos atrás. Essa conhecida dizia: “Vamos escrever um projeto que vocês vão conseguir um galpão, equipamentos e recursos”. Foi assim que tudo começou. Para aprender como montar uma cooperativa, a gente começou a participar das reuniões do Movimento Nacional de Catadores e Catadoras de

Materiais Recicláveis (MNCR). Enquanto íamos participando das reuniões e aprendendo, a gente foi trabalhando, começamos a separar o material reciclável em casa, na rua, com os vizinhos e foi aumentando e tomando uma proporção imensa. Na época a gente sofreu muito preconceito com relação a isso, né? O pessoal perguntava se a gente ia ficar mexendo com lixo, mesmo. A minha mãe e a minha família me desconjuravam. Eu sei que nessa trajetória toda a gente passou por várias dificuldades, mas a gente não pensava em desistir. Então, em 2008, finalmente montamos a cooperativa e, em 2010, a gente conseguiu a parceria com a prefeitura e as coisas foram tomando forma até o que somos hoje, depois de dezesseis anos de luta. Uma conquista recente, foi que a cooperativa teve a aprovação de um projeto pelo Ministério do Meio Ambiente para implantar a coleta de orgânicos. É uma estratégia para complementarmos a renda, porque eu acho que só da reciclagem a gente não vai sobreviver mais. A gente acha que a compostagem vai ser o nosso futuro, se a reciclagem não vingar mais por conta das concorrências. Tem muitas concorrências relacionadas à reciclagem, tem empresas que estão ganhando dinheiro com a reciclagem e que não são catadores e tem os interesses em colocar incinerador na cidade, o que é muito sério, por isso, estamos construindo novos caminhos. Sobre a minha trajetória de liderança, eu comecei a frequentar, de fato, o Comitê da Cidade de São Paulo do MNCR em 2015, foi quando eu entendi que eu também era parte do movimento, foi aí que comecei a olhar para fora da cooperativa. Eu pensava que não era justo ter todas aquelas catadoras e catadores ali dentro trabalhando para caramba com aquele volume de resíduos e ainda ouvir da prefeitura que as cooperativas eram ineficientes, que as cooperativas não tinham gestão, que as cooperativas só tinham coisas horríveis, eu ficava ouvindo e pensava: “Não é possível um negócio desse!”. Aí eu comecei a me informar e comecei a questionar também. Por que a gente estava sendo humilhado? A partir daí, eu fui me envolvendo com o MNCR e me tornei membro oficial do Comitê da Cidade. Hoje eu consigo apoiar outras cooperativas, passar o conhecimento que adquiri para fortalecer a categoria.

Isabella: Você poderia falar um pouco sobre como o trabalho das catadoras e dos catadores tem mudado ao longo dos anos em relação ao volume e ao tipo de plástico coletado?

Valquiria: Antigamente a gente vendia muitos plásticos, depois da pandemia aumentou o número de catadores autônomos e eles coletavam a maior parte dos materiais com mais valor, como o alumínio, e os plásticos vinham todos para as cooperativas. Porém, agora, não estamos recebendo tanto quanto antes. A gente não vende todo o plástico todo mês, porque ele tá demorando muito para chegar, como o PEAD. Por exemplo, a gente fazia uma média de 50 fardos de PET por mês, hoje a gente faz 50 fardos em 60 dias. Apesar disso, cerca de 40% da nossa renda vem do plástico, especialmente do PET. O problema é que chega muito plástico na cooperativa, mas são aqueles que não tem valor. Vem lona, isopor, bandejinhas, embalagens de biscoito e salgadinho, tem sacolas revestidas com plástico não reciclável, embalagem de presente, embalagem de batom, enfim, é muita coisa, e que não tem valor. Tem muitos materiais escolares, por exemplo, que a indústria se preocupa com a beleza do produto, mas não com a qualidade e com o destino do material depois do seu uso. Esses plásticos representam uma improdutividade na cooperativa, porque eles têm que passar pelas mãos dos catadores, temos que triar e o nosso tempo vai nisso, mas não conseguimos vender. Esse é um problema, os plásticos não recicláveis acabam tirando parte da nossa produção, da nossa hora de trabalho, onera a cooperativa e não tem valor, né? Viram rejeito. E quando a gente olha para todo o nosso rejeito, 20% são plásticos,

o que é bastante coisa. Então, muitas vezes temos que trabalhar mais para poder produzir mais e conseguir ter a renda necessária para pagar todos os cooperados. Os plásticos que não tem valor afetam diretamente a cooperativa e os catadores.

Isabella: Quais são os principais desafios que catadoras e catadores enfrentam ao lidar com esses rejeitos plásticos?

Valquiria: É justamente não conseguir fazer a comercialização desses resíduos porque os plásticos que tem valor, eles estão disputados, demora mais para a gente conseguir um volume bom para vender, eles não estão mais à disposição, são mais concorridos e o que chega fácil são aqueles que não tem valor. Então, teria que investir em tecnologia que pudesse reaproveitar esses plásticos para eles não irem para o aterro. Precisa de uma tecnologia para poder ressignificar os plásticos que não tem valor e inseri-los na cadeia produtiva a partir da responsabilidade compartilhada entre todos os envolvidos, indústria, comércio, municípios, todos os envolvidos têm uma responsabilidade, isso precisa ser considerado. Então, ainda é preciso avançar bastante na destinação dos plásticos que não são recicláveis, hoje eles vão para o aterro, mas é importante dizer que isso não quer dizer que esses resíduos têm que ser incinerados, sabe? É preciso investir em tecnologia para que se tornem recicláveis, a incineração não é solução. É preciso valorizar a reciclagem e o trabalho dos catadores. É importante considerar que a ação de retirar os plásticos do meio ambiente deveria ser remunerada, porque é um trabalho muito importante e não é isso que acontece, os catadores precisam ser remunerados pelos serviços que prestam, porque é um serviço público que beneficia toda a sociedade.

Isabella: Que mudanças você gostaria de ver na relação entre sociedade, empresas, governo e catadores para enfrentar a crise do plástico?

Valquiria: Olha, as grandes empresas, elas têm os seus engenheiros, os seus técnicos para desenvolver tecnologia, mas eles não têm a informação da base, eles não podem fazer algo totalmente coerente sem ter a informação da base, das cooperativas, dos catadores que sabem quais são os desafios. Não adianta eles inventarem uma tecnologia da cabeça deles vindo de outros países sem ter a informação local, até mesmo aqui, em uma cidade só, em São Paulo, existem locais diferenciados, bairros diferenciados. Então, não é uma tecnologia só para todo mundo, para todos os lugares. Ela não vai funcionar para todo mundo, tem que ser conforme a demanda de cada local e de cada comunidade. Então, eu acho que teria que ter uma maior integração entre as pessoas que estão formulando políticas e tecnologias, com quem vai executar, com as cooperativas e com a sociedade, tem que ter maior interação entre as partes. O melhor dos mundos é a cooperativa receber apenas plásticos que são recicláveis.

Isabella: Como você imagina o futuro das catadoras e dos catadores em um cenário ideal no uso dos plásticos?

Valquiria: Em um cenário ideal eu diria que a indústria seria mais responsável, não iria mais produzir plástico que não seja reciclável. Além disso, a indústria iria compartilhar informações e dialogar com os catadores, iria entender o problema a partir de quem está na ponta trabalhando na despoluição das embalagens que elas comercializam. Tudo estaria conectado e dialogando, desde o catador até a comercialização e o destino final. Assim, a indústria não iria produzir o que não é reciclável e pararia de vender materiais que se tornam rejeitos. Esses descartáveis de uso único não vão fazer falta para as cooperativas porque a gente não tem comercialização para eles. Eles só passam pela cooperativa, a gente não separa esse tipo de material, como talheres de plástico, copinho de plástico e até as sacolinhas, a gente está com dificuldade de vender elas. Então eu acho que esses tipos de plásticos não vão fazer falta para as cooperativas.

Isabella: Que mensagem você gostaria de deixar para a sociedade sobre os plásticos?

Valquiria: Para as pessoas consumirem as embalagens e descartarem de maneira correta. As pessoas precisam começar a ter um consumo consciente desde o momento em que adquirem um produto até o momento de descarte deste item. É refletir e considerar se desejam que esse resíduo se torne poluição para o meio ambiente ou se torne benefício para o trabalho dos catadores. É separar os resíduos de forma adequada, armazenar em local limpo e destinar aos catadores.

